

PDPI Movimento faz auto-avaliação

O movimento indígena brasileiro vive um momento de extrema riqueza. O que para muitos parece ser uma crise com toda carga negativa que a expressão concentra, é, na opinião do líder indígena Gersem dos Santos Luciano, 39, uma revisão positiva com perspectiva animadora.

Responsável pelo gerenciamento do Projetos Demonstrativos dos Povos Indígenas (PDPI), a mais nova proposta desenvolvida no âmbito do governo brasileiro, com a participação ativa das organizações indígenas, Gersem, da etnia baniua, tem a sua formação política forjada na luta desenvolvida pelos povos indígenas. Foi um dos fundadores da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirm) e da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab), é formado em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam) e um dos principais interlocutores do movimento indígena no Brasil.

"Vivemos hoje a fase de definição do novo papel para o movimento indígena organizado", diz Gersem, lembrando que até pouco tempo a agenda indígena estava fortemente marcada pelas reivindicações, passeatas e mobilizações. "Por muito tempo tivemos que ir às ruas, empunhar bandeiras, gritar para sermos ouvidos. A luta organizada nos gerou conquistas e também trouxe mudanças na relação do movimento com o Estado brasileiro", situa, classificando esse avanço como algo não imaginado há cinco anos. Muitas organizações indígenas, exempli-

**LÍDER
INDÍGENA
GERSEM
DISSE
QUE A
LUTA
ORGANIZADA
GEROU
CONQUISTAS**

dessa ordem que levaram, de acordo com Gersem Luciano, o movimento indígena a uma constatação: redimensionar a agenda do movimento, as diretrizes e o perfil das organizações indígenas. "Por isso, a revisão que ora é feita tem caráter positivo e será realizada em curto espaço de tempo", aposta, assegurando que a etapa futura - fruto da avaliação que está em andamento - será de maior capacidade organizativa e de melhor qualidade.

INTERLOCUÇÃO

Para Gersem, um dos grandes desafios do movimento é o de garantir a qualidade ao espaço de expressão conquistado. "Isso significa dizer que temos de ter claro nossa capacidade de intervenção e as propostas que defendemos. Já sabemos que isso está longe do ideal, mas estamos, enquanto movimento, dispostos a perseguí-lo." Há dez anos, diz, os índios saíram da condição de tutelados do governo para traçar um caminho próprio, sem ter tido tempo de

fica, estão atualmente gerenciando projetos e administrando recursos consideráveis até então controlados pelo Governo.

São as mudanças

qualificar a disputa por eles protagonizada pelo espaço de inserção. "Nesse contexto, temos de reconhecer que estamos no final da fila, mas isso se coloca para nós como lição e compromisso de superação."

O otimismo do gerente técnico do PDPI está calcado principalmente na resposta que os jovens indígenas darão. Não é, garante ele, um entusiasmo infundado, pelo contrário, baseia-se na constatação de que parcela expressiva da juventude indígena estudante está, hoje, vinculada ao movimento indígena. "Isso é algo espetacular quando avaliamos que, há cinco anos, toda a nossa energia e força eram destinadas à luta pela terra. Agora, há um sentimento compartilhado entre jovens e adultos de que temos de participar dos espaços públicos, tornar a terra produtiva e não abrir mão da tarefa de dar qualidade de vida para as comunidades", diz.

Os jovens indígenas, na opinião de Gersem, exercem um papel estratégico nessa direção. Há três anos, afirma, o indígena que ia para a escola, basicamente tinha tomado a decisão de esquecer a comunidade, a cultura, a identidade. "Entrar na escola era como dizer estou me emancipando, estou indo para outro mundo", compara. Para ele, hoje a história é outra: "a maioria dos estudantes indígenas que chega ao nível médio ou à universidade tem a consciência de que é indígena e que está entrando no mundo dos brancos para se capacitar e contribuir com o seu povo", assegura.